



Educar para quê?

POR **HELOISA MENEZES**
PGA 2017

O objetivo do ensino e da escola é preparar os alunos para conseguir emprego? Para empreender? Ambos? Um novo papel é requerido das escolas e um conceito inovador da relação escola-aluno vem sendo desenhado, diante da evolução das tecnologias da informação e comunicação. A emergente economia digital, a economia colaborativa e a conectividade avançam rapidamente, com fácil adesão pelos jovens, o que nos leva a refletir sobre o propósito da educação no Brasil.

No 2º Seminário Internacional Conhecer de Educação Empreendedora – ConheCER –, em agosto de 2018, tivemos a oportunidade de debater também o *modus operandi* e o potencial da educação empreendedora no Brasil, frente às transformações decorrentes da maior velocidade das novas tecnologias aplicadas ao cotidiano dos cidadãos. Registro, a seguir, algumas das provocadoras reflexões de especialistas do Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora – CER (www.cer.sebrae.com.br).

O importante é entender que todos nós precisamos praticar o aprendizado ao longo da nossa vida. Os conteúdos ensinados – disponíveis a todos via *web* – perderão cada vez mais importância, o que requer a permanência da busca do conhecimento pelos mais diversos métodos.

Estamos diante de profissões atuais e de futuro. Sabemos quais serão extintas, mas ainda não percebemos quais serão as do futuro. Agora, o mais importante passa a ser o aprendizado de competências ao longo da vida, como habilidade de trabalhar em grupo, atitudes empreendedoras, dinamismo e curiosidade, coisas que nem sempre se ensina na escola. E aprender a linguagem de programação e lógica.

O futuro do trabalho e o futuro da educação estão interligados. A educação empreendedora deve preparar as pessoas para lidar com o futuro incerto, volátil, complexo e ambíguo.

A educação precisa desenvolver e aplicar métodos, de modo a dar confiança aos estudantes para ação. Afinal, pouco do que ensinamos é apreendido e aprendido. Métodos que promovam a praticagem do jogar, de criar empatia, da experimentação, da criação e da criatividade, gerando engajamento. O que é ensinado por meio da prática tem mais chances de ser aprendido. No meio de tudo, métodos para praticar a reflexão.

O educador deve mudar seu papel de *teacher* para *coach learning* e ensinar a fazer as perguntas corretas. Nas palavras de Fernando Dolabella, a educação precisa ser empreendedora. Se não o for, não é educação. Educar para desenvolver competências múltiplas e contribuir para as adaptações sucessivas do aluno às mudanças do ambiente.

Os resultados esperados da Educação Empreendedora devem ser habilidades, comportamentos e *mindset*, além do estímulo à inteligência empreendedora, que é agir frente ao desconhecido com foco na necessidade e no propósito, procurar e desenhar as oportunidades, fazer conexões.

A educação informal e a escola livre têm sido importantes campos de experimentação de práticas inovadoras de desinstitucionalização do ensino e visões sobre a escola do futuro no presente, contrapondo-se à aprendizagem tradicional. É a contraposição entre passividade e aprendizagem. O que não fazemos pode até ser lembrado, mas não será aprendido. É a visão de que só aprendemos vivendo e fazendo. Assim, a escola estará mais próxima do mundo e da realidade de cada aluno.

Mas, é possível escalar as práticas de educação desinstitucionalizada? A tecnologia é exponencial e 4.0, as pessoas são lineares (pelo menos até terem seus cérebros fundidos com a inteligência artificial), mas ansiosas e angustiadas, e as instituições são 1.0 ou 2.0. Como institucionalizar as novas práticas educacionais que buscam reduzir as angústias referentes aos métodos cognitivos? É necessário institucionalizar essas práticas para construirmos políticas públicas adequadas aos ciclos de mudança? É mais fácil *hackear* a educação, que está aí, do que mudar o sistema.

A importância da prática para o processo cognitivo é crescente neste mundo de informações em excesso. Não só para os mais velhos, em sua busca pelo *lifelong learning*, quando têm reduzida a capacidade cerebral de absorção do conhecimento.

Em síntese, o aprendizado é ativo e requer experimentos. Vale o pensamento oportuno e verdadeiro do filósofo chinês Confúcio, adequado aos tempos atuais: “Me diga e eu esqueço, me ensine e posso me lembrar, me envolva e eu aprendo”. Podemos considerar que esse é o futuro da educação!

DESAFIOS DA ECONOMIA DIGITAL O mundo em mudanças velozes, modernos métodos cognitivos, tecnologias transformando as formas de acesso a conteúdo e processos inovadores de aprendizagem impõem novos desafios à educação. A economia digital, do compartilhamento, a construção coletiva e colaborativa pelos ecossistemas, a aceleração das desigualdades e o mundo experiencial estão nos dizendo que é hora de mudar o modo como ensinamos e aprendemos.

Algumas mensagens do 2º ConheCER nos colocam em alerta para refletir sobre os desafios de um novo mundo da educação. Alguns *inputs* são inquietantes:

- As tecnologias aplicadas à educação são insuficientes para resolver o problema cognitivo. Ampliam o acesso e mudam a experiência do aprendizado, mas o mais importante é entender antes quem são as pessoas, como elas conseguem aprender e apreender.
- Escolas e empresas ainda seguem modelos pedagógicos e planos de carreira como se fossem linhas de produção, onde é possível prever os resultados, conforme os *inputs* dados. Em paralelo, estamos num mundo conectado, multidisciplinar, imprevisível, exponencial e interativo, que requer pessoas preparadas para lidar com o inesperado e mutável.
- Aprender com métodos e processos que não prendam nem nos tratem como peças da linha de montagem pré-programada. Escola é lugar de testar. Sua mentalidade deve ser como a das startups: testar, errar, aprender com os erros, pivotar, desaprender, reaprender.
- Transitar entre a educação *on* (ferramentas tecnológicas) e a educação *off* (presencial) levará a ganhos de eficiência, acesso e cognição. Mas uma não substitui a outra.
- Historicamente, as tecnologias para a educação falharam ao não conseguir mudar o paradigma educacional. Falharam a TV educativa e os Moocs, enquanto as plataformas educacionais crescem e cumprem papel importante, porém, as pessoas ainda preferem estar conectadas umas às outras.

Novamente, a realidade virtual dará sua contribuição, mas não conseguirá ser a solução. Por isso, é necessário mudar o jeito como aprendemos. A tecnologia não ajuda quando tenta dar as respostas aos alunos, não deixando que aprendam a fazer as perguntas corretas e a pensar.

O que precisamos aprender? Aprender a errar e a tirar lições dos erros cometidos. Aprender como fazer as coisas e tentar fazê-las. Aprender a construir narrativas e criar *links* emocionais com elas.

A educação bem-sucedida não se limita a projetos pedagógicos, também envolve projetos emocionais que possam, juntos, habilitar o desenvolvimento integral do aluno e, assim, prepará-lo para os desafios do mundo do trabalho na economia digital.

HELOISA MENEZES é Diretora Técnica do Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.